

## RELAÇÕES ENTRE LAZER, TRABALHO E APOSENTADORIA NA VELHICE

(1) Ângela Roberta Lucas Leite; (2) Maria do Socorro Sousa de Araújo

<sup>1</sup>(Autora, mestre em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão, UFMA, e-mail: [angelarobertalucas@gmail.com](mailto:angelarobertalucas@gmail.com)); <sup>2</sup>(Co-autora, doutora em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão, UFMA, e-mail: [contato.socorro@gmail.com](mailto:contato.socorro@gmail.com))

**Resumo:** este trabalho consiste em analisar os conceitos relativos ao lazer, ao trabalho e à aposentadoria entre velhas (os) aposentadas (os) do Programa de Ação Integrada ao Aposentado-PAI, em São Luís-MA. Utilizamos as ferramentas teórico-metodológicas de Bourdieu (2010; 1997) para compreender as categorias lazer, trabalho e aposentadoria como construções sociais. A metodologia de pesquisa utilizada foi de abordagem qualitativa, com uso de técnicas como revisão bibliográfica, levantamento documental, entrevistas e observação direta. Participaram desta pesquisa 14 pessoas, na sua grande maioria, com idade entre 61 e 92 anos, aposentadas e que frequentavam as atividades do Programa de Ação Integrada ao Aposentado-PAI, em São Luís-MA, entre 1 à 5 anos ininterruptos. Os resultados apontaram que tais categorias se complementam à medida que as imagens produzidas no senso comum é de que a aposentadoria pode representar, desde um sentimento de perda, de início da velhice e de aproximação da finitude, até uma nova fase da vida, na qual as atividades de lazer são consideradas centrais pelo(a) velho(a) que se aposenta.

**Palavras-chave:** Lazer, Trabalho, Aposentadoria, Velhice.

### Introdução

Desde o início das civilizações, o tempo (se considerado como período sem interrupções nos quais os acontecimentos ocorrem) sempre esteve presente no ciclo da vida do ser humano, desde o nascimento até a morte, independentemente de sua vontade ou de sua consciência (NOVAES, 2005). Entretanto, a ordenação desse processo, sob a forma de periodicidade, só foi possível a partir do momento em que os homens desenvolveram, para suas próprias necessidades, o símbolo regulador do tempo. A necessidade de medir o tempo surgiu em diferentes sociedades, desde épocas bem remotas, em função de diferentes fatores: para comemorar rituais importantes, festas religiosas ou saber a época certa para plantio e colheita, ou para determinar o tempo dedicado para o trabalho e repouso (NOVAES, 2005).

Nesse sentido, ao ser examinado pelo prisma temporal, lazer e trabalho assumem várias interpretações, principalmente quando associados aos termos tempo livre e tempo de trabalho. O lazer nem sempre é prioridade na vida das pessoas, muito pelo contrário, muitas vezes aparecem apenas depois das obrigações trabalhistas, familiares, das necessidades básicas, entre outras. Desse modo, é comum a concepção de que o lazer se concretiza em oposição ao trabalho, sendo assim considerado um tempo livre, liberado do trabalho e das

obrigações cotidianas. Muitos estudiosos defendem que essa concepção é advinda das transformações nas sociedades industriais e da profunda modificação nas relações entre tempo de trabalho e tempo livre (DUMAZEDIER, 1979; MELO; ALVES JUNIOR, 2003).

Essa concepção dualista entre tempo de trabalho e tempo livre, procedente do Período Industrial, tornou-se objeto de disputas entre as classes sociais, por ser considerada central nas relações de exploração e dominação.

Marx (1985) destaca que a economia fundamenta-se na força de trabalho, cujo seu valor, de mercadoria, é determinado pela quantidade de trabalho materializado em seu valor-de-uso, pelo tempo de trabalho socialmente necessário a sua produção. Assim, “a própria quantidade de trabalho é medida pelo seu tempo de duração, e o tempo de trabalho possui, por sua vez, sua unidade de medida nas determinadas frações do tempo, como hora, dia”. (MARX, 1985, p. 168).

Nesse sentido, o tempo representa um medidor de produção de trabalho, uma mercadoria de troca cujo “valor da força de trabalho, isto é, o tempo de trabalho exigido para produzi-la, determina o tempo de trabalho necessário para reprodução de seu valor” (MARX, 1985, p. 430).

É nesta perspectiva, que o tempo de lazer pressupõe o tempo de trabalho, e somente pode ser considerado livre se pressupor como finalidade as obrigações relativas ao trabalho. Nas argumentações de Dumazedier (1979), a atividade de lazer possui uma fração considerável dentro do tempo livre, colocando-a como um pressuposto do trabalho, ou seja, as atividades de lazer acontecem na realidade em um tempo liberado do trabalho.

Mas o que acontece quando esse trabalhador ativo assume o papel de aposentado? O trabalho que antes adquiria centralidade na vida pessoal e nas relações sociais desse trabalhador é interrompido pela aposentadoria e o indivíduo, muitas vezes, se vê diante de perdas não apenas financeira e social, mas também psíquica e pessoal.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho foi desvelar as compreensões (re) produzidas em relação às categorias lazer, trabalho e aposentadoria entre velhas (os) aposentadas (os) da Administração Pública do Estado do Maranhão e participantes do Programa de Ação Integrada para o Aposentado (PAI), em São Luís –MA. Desta forma, buscamos compreender tais categorias como construções sociais carregadas de valores simbólicos que se transformam ao longo do tempo por várias razões, que podem estar associadas a contextos históricos, à economia, à política e à religião de uma determinada sociedade. Por esta razão, trabalhamos com a ideia de

aposentadoria pensada e articulada com as concepções de trabalho e lazer na velhice, uma vez que acreditamos que exista uma ligação entre elas, já que uma das imagens produzidas do aposentado, no senso comum, é de uma pessoa que suspendeu suas atividades relacionadas ao trabalho.

Assim, a reflexão sobre essas categorias, a partir da condição de aposentados dos pesquisados, justifica-se pela necessidade de compreender como ocorreu o processo de transição (ou não) do ‘trabalhador ativo’ para a posição de aposentado, levando em consideração sua trajetória de vida e concepções atribuídas as categorias trabalho e lazer.

O afastamento do trabalho ocasionado pela aposentadoria pode representar, desde um sentimento de perda, de início da velhice e de aproximação da finitude, até uma nova fase da vida, na qual as atividades de lazer são consideradas centrais pelo velho que se aposenta, ocupando assim, um lugar importante em sua vida e no uso do seu tempo (SANTOS, 1990).

Desta maneira, ao falar em aposentadoria, podemos associá-la às mudanças (real e concreta) na vida do indivíduo velho, principalmente quando ocorre ruptura com o mundo do trabalho. Assim, para algumas pessoas, a aposentadoria pode assumir o significado de descanso, liberação de atividades rotineiras e desgastantes; e para outros, pode significar a perda do próprio sentido da vida, um tempo de vazio e de redução da capacidade produtiva (ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010).

Diante dessas exposições, a associação entre lazer, trabalho e aposentadoria na velhice vem assumindo novos contornos, o que nos permite, enquanto pesquisadoras, questionarmos quais concepções de lazer, trabalho e aposentadoria são acionadas pela(o)s velha(o)s na atualidade.

## **Metodologia**

Essa pesquisa caracteriza-se como de abordagem qualitativa por evidenciar as representações sociais (re) produzidas de velhas (os) participantes do Programa de Ação Integrada para o Aposentado (PAI), em São Luís –MA, sobre as categorias lazer, trabalho e aposentadoria.

A escolha pelo PAI ocorreu pelo fato de que se constitui uma instituição que congrega pessoas aposentadas da administração pública estadual e oferece várias atividades de forma regular desde 1992<sup>1</sup> no mesmo local, o que nos possibilitaria ter fácil acesso a esse

---

<sup>1</sup> O Programa de Ação Integrada para o Aposentado (PAI) foi criado em 4 de agosto de 1992, pelo Decreto Estadual n. 12.526, durante o governo de Edison Lobão, para aposentados do Estado (MARANHÃO, 2012).

público considerando que a instituição oferece atividades durante todos os dias da semana. O PAI atende o público de aposentados e pensionistas do Governo do Estado do Maranhão, as pessoas dos Clubes da Melhor Idade Raio de Sol e Renascer e da AAGEN (Associação dos Amigos do GEN - Gerenciamento do Envelhecimento Natural). No intuito de atingir seu objetivo, o PAI oferece atividades de canto coral, curso de técnicas de memorização, oficinas de artes e de trabalhos manuais, aulas de tai chi chuan, alongamento, dança de salão, aeróbica, hidroginástica, natação, ginástica localizada, futebol de salão, yoga, dentre outras.

Para identificação das representações de lazer, trabalho e aposentadoria na velhice e possíveis articulações entre si, utilizamos as ferramentas metodológicas de Bourdieu (2013; 2010) sobre *habitus*<sup>2</sup> e *região*<sup>3</sup> para compreender, através dos aspectos subjetivos (como as falas, gestos, atitudes, escolhas, comportamentos e estilos de vida dos entrevistados) e dos aspectos objetivos (como o tempo e espaço) que interpretações são concebidas por velhas (os) do PAI a respeito das categorias em questão e que critérios de classificação são acionados para distingui-las. Acreditamos ser relevante considerar que as noções de região e *habitus* são os conceitos centrais para designar os nós das relações constituídas pelas velhas, velhos participantes do PAI, uma vez que sujeitos envolvidos na pesquisa tornam-se agentes geradores e organizadores de representações e de classificações das categorias pesquisadas.

Na composição do corpus da pesquisa, determinamos como critério de inclusão para participação nas entrevistas, mulheres e homens aposentados da administração pública e que frequentavam as atividades oferecidas pelo PAI no mínimo há um (1) ano, sem interrupções.

Foram entrevistadas 14 pessoas sendo, na sua maioria, com idade entre 70 e 79 anos, solteiros, com nível de formação superior e renda mensal de um salário-mínimo. A definição do número de sujeitos entrevistados deu-se pela saturação qualitativa, ou seja, pela repetição dos dados, quando as informações obtidas estavam confirmadas o suficiente e a inclusão de novas não inferiam nova contribuição para a pesquisa (GIL, 2002).

---

seu art. 1º, o referido Decreto Estadual determina como finalidade do programa prestar serviços nas áreas jurídicas, de saúde, sociais e culturais para aposentados da Administração Pública Estadual com relação aos seus direitos e benefícios, além de garantir atendimento privilegiado nos diversos setores da Administração Pública do Estado do Maranhão, assegurando sua eventual recolocação no mercado de trabalho (MARANHÃO, 1992).

<sup>2</sup> A respeito do *habitus*, Bourdieu (2013, p. 87) o concebe como: “Sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los”.

<sup>3</sup> BOURDIEU (2010, p. 116) concebe região como: “acto da magia social que consiste em tentar trazer à existência a coisa nomeada pode resultar se aquele que o realiza for capaz de fazer reconhecer à sua palavra o poder que ela se arroga por uma usurpação provisória ou definitiva, o de impor uma nova visão a uma nova divisão do mundo social”.

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

[www.cieh.com.br](http://www.cieh.com.br)





O sigilo e o anonimato foram garantidos aos participantes e não houve recusa de participação. A concordância de cada participante ficou consignada pela assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para preservação da identidade da(o)s entrevistada(o)s, associamos seus nomes à nome de estrelas (astros que possuem luz e brilho próprios). A analogia proposta remete o brilho e esplendor de uma estrela à energia e à força existencial que emanam dos velhos e velhas integrantes do PAI, o que significa dizer que, o brilho estaria relacionado à sua condição de ser velho ou velha, numa tentativa de ruptura com os estigmas e estereótipos comumente relacionados à condição de ser velho(a).

A fim de desvendar os significados produzidos a respeito das distintas relações entre aposentadoria, lazer e trabalho, analisamos os dados advindos dos depoimentos dos entrevistados, da observação direta, da revisão bibliográfica e documental, possibilitando assim uma tessitura entre a teoria e a empiria.

## **Resultados e discussão**

No intuito de encontrar respostas para as inquietações sobre como os entrevistados interpretam as categorias lazer, trabalho e aposentadoria na velhice em suas vidas, partimos do pressuposto de que a aposentadoria não é vivenciada de forma análoga por todos os aposentados e conforme Santos (1990) nos atenta, devemos compreendê-la a partir de aspectos sociais e profissionais que constituem a história de vida desses sujeitos, já que refletem, na sua identidade pessoal, e, conseqüentemente, incidem no processo de aposentadoria. Desta maneira, a trajetória do trabalho e lazer, bem como as relações socioprofissionais tendem a fazer parte do processo de construção da aposentadoria.

Nas entrevistas realizadas com os aposentados identificamos que a aposentadoria, quando relacionada às concepções de trabalho e lazer, pode expressar tanto aspectos negativos (como sentimento de perda de papéis sociais e profissionais, de início da velhice e de aproximação da finitude), quanto positivos (como nova fase da vida, na qual as atividades de lazer tornam-se centrais pelo velho aposentado e ocupam um lugar importante em sua vida e no uso do seu tempo) (SANTOS, 1990). Vale ressaltar que ao considerar lazer, trabalho e aposentadoria categorias socialmente manipuladas, manipuláveis e em constante transformação, seus entendimentos assumem diversos pontos de vista, a depender do conhecimento produzido pelos entrevistados, bem como os critérios de diferenciação social (*região*) utilizados por eles para determinar o que

cada categoria significa. Assim, seus significados dependem de como as categorias foram vividas e são vivenciadas pelos entrevistados, sendo que tais vivências não acontecem apenas sob as bases objetivas, ou seja, tempo – espaço do campo social, mas que é preciso considerar o *habitus* desse grupo social, ou seja, os aspectos subjetivos como as atitudes, os gostos, as preferências e os estilos de vida dos sujeitos envolvidos.

Nesse sentido, a pesquisa demonstrou que o Sr. *Antares*<sup>4</sup> atribui negatividade à sua aposentadoria, associando-a a interrupção do trabalho exercido durante anos e às perdas financeiras, conforme explicitado na seguinte fala:

*“Me obrigaram a aposentar. Perdi muito do meu salário. A idade chegou e o tempo de trabalho ficou para trás. Eu não ganhava mal, mas dava pra viver”.* (Sr. *Antares*).

A decepção do Sr. *Antares* com o evento da aposentadoria e a visão negativa criada sob ela, é determinada principalmente pela perda de poder aquisitivo devido à redução do seu salário. Geralmente, quem se aposenta sente um impacto negativo causado pela redução do salário e essa diminuição na renda impacta, muitas vezes, na qualidade de vida do aposentado e na sua autoestima.

O discurso do entrevistado sobre aposentadoria incide do *habitus* incorporado nas sociedades atuais de que para pessoas a aposentadoria é um marco na vida do ser humano e pode representar uma ruptura negativa com o mundo do trabalho. A pessoa aposentada tende a ser vista como improdutiva pela sociedade, uma vez que não produz mercadoria para o modo de produção capitalista. Na sociedade de consumo em que vivemos, onde o trabalho fundamenta a sociabilidade humana, e conseqüentemente, também orienta a postura da sociedade com relação à velhice, é bem mais vantajoso e lucrativo ter um trabalhador jovem que um trabalhador velho, pois sua força de trabalho é mais elevada e gera maior produção para a economia. Assim, ao alcançar uma determinada idade, o trabalhador tende a perder seu valor de uso para o capital, sendo considerado improdutivo e sem condições de continuar a integrar a lógica do sistema capitalista, ou seja, é comumente descartado da sociedade e substituído pelos jovens.

Segundo Santos (1990), ao assumir o papel social de aposentado, o velho pode se deparar com sentimentos negativos como solidão, angústia, tristeza, desespero, dentre outros. Quando o trabalho assume centralidade na vida dos trabalhadores, ele se torna uma referência social, não apenas por subsidiar as condições financeiras, mas por ser um denominador de

---

<sup>4</sup> O sr. *Antares* tem 71 anos, solteiro, não possui filhos, mora com dois amigos. Estudou até o ensino médio, trabalhava como auxiliar de serviços gerais e atualmente vive com uma renda mensal de 1 salário (R\$ 1.322,00).

motivação, autorrealização e autoestima do trabalhador (SANTOS, 1990). Quando acontece a ruptura com o mundo do trabalho, a aposentadoria pode significar a perda do próprio sentido da vida, um tempo de vazio e de redução da capacidade produtiva (ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010).

Contudo, vale ressaltar que ao contrário, a aposentadoria pode se tornar uma fase prazerosa da vida, uma libertação do mundo trabalho, uma vez que seja este considerado uma questão de obrigação ou sobrevivência, ou, em certos momentos da vida, um empecilho para realizações pessoais, que foram procrastinadas por causa da vida laboral e não puderam eventualmente ser concretizadas. Nessa perspectiva, a Sra. *Aldebaran*<sup>5</sup> expôs em sua entrevista que dedicou sua vida ao trabalho e que não tinha tempo para o lazer. Com a chegada da aposentadoria, aproveita o tempo livre que dispõe para usufruir o que não pôde quando mais jovem, conforme ressalta:

*“Eu trabalhei muito na minha vida e quando era jovem não podia ter lazer. Essa é que é a verdade! Ai trabalhava de manhã, de tarde e de noite, cuidava de filho, tomava conta de casa. Agora eu estou descontando o velho e o novo”. (Sra. Aldebaran).*

Percebemos também em seu depoimento que a aposentadoria traz interpretações de recompensa e libertação, sendo que o lazer ocupa atualmente uma função importante na sua vida, oposta e superiorizada ao trabalho. Ainda podemos inferir que o gosto e as preferências<sup>6</sup> da sra. Aldebaran (ou seja, o *habitus* incorporado e interiorizado) fundamentam as suas concepções sobre lazer e trabalho a partir da sua própria condição de aposentada, agregando assim valores positivos ao lazer e negativos ao trabalho quando menciona que está descontando o velho e novo.

Ao ser questionada o que faz em seu tempo livre, a informante relata que o tempo que dedica para o lazer através das atividades lhe proporciona prazer, diversão, satisfação, realizações pessoais, em prol do bem-estar físico e mental:

*“Gosto de ir ao shopping, ir no cinema, teatro, gosto de música clássica e popular brasileira. Fora os afazeres de casa, eu saio com as amigas, tomamos chá”. (Sra. Aldebaran).*

Assim, a aposentadoria pode ser vista como momento de repouso, de libertação do trabalho e de realizações pessoais, ao partir da constatação do(a) velho(a), ao se aposentar,

---

<sup>5</sup> A Sra. Aldebaran tem 69 anos, casada, dois filhos, mora com esposo. Formada em letras, trabalhava como professora e atualmente vive com uma renda de 10 salários mínimos.

<sup>6</sup>Para Bourdieu (2007, p. 216) a definição de gosto remete ao “sistema de classificação constituído pelos condicionamentos associados a uma condição situada em determinada posição no espaço das condições diferentes - rege as relações com o capital objetivado, com este mundo de objetos hierarquizados e hierarquizantes que contribuem para defini-lo, permitindo-lhe sua realização ao especificar-se”.(83) 3322.3222

desloca seu tempo e espaço livres para aproveitar atividades que lhe traga prazer e satisfação, prazer e realização pessoal. A maior disponibilidade de tempo na aposentadoria possibilita que o indivíduo desfrute de lazer ou realize atividades que durante longo tempo foram procrastinadas (KALACHE; VERAS; RAMOS, 1987).

A busca pelo lazer é decorrente de diversos acontecimentos histórico-político-sociais e culturais, em que o ser humano teve a necessidade de ocupar seu tempo fora do trabalho com atividades que lhe proporcionasse prazer, distração, compensação e experiências novas. Para o velho que se aposenta, essa realidade não fora diferente, embora o lazer assuma uma nova conotação. Segundo Kalache, Veras e Ramos (1987), a aposentadoria, por vezes, propicia ao sujeito tempo livre ou desocupado das obrigações profissionais, oportunizando assim o desenvolvimento de novas atividades e a concretização de velhos sonhos.

Desta forma, ao aproximar lazer e aposentadoria, percebemos que o lazer assume a concepção de um tempo dedicado para si, como um momento de vivenciar uma atividade prazerosa, que até então não poderia ser realizada por conta das atividades profissionais.

O lazer, ao ser vivenciado em sua plenitude, direciona as pessoas a utilizarem seu tempo livre em busca de atividades ligadas à cultura, à interação social e ao desenvolvimento e aperfeiçoamento pessoal. E assim, a visão do trabalho, como um tempo de produção e reprodução, perde seu espaço para um lazer emancipatório, ligado às atividades culturais e ao desenvolvimento pessoal. Consoante Santos (1990), o lazer na vida dos aposentados pode ser vivenciado de forma mais concreta, pois para alguns, suas atividades laborais foram suspensas com a aposentadoria. É nesta fase da vida que as atividades de lazer podem ser consideradas centrais para a maioria do aposentado e ocupam um papel importante na vida, na questão de preenchimento do tempo e espaço deixados pelo afastamento do trabalho (SANTOS, 1990).

Embora esteja se falando de aposentados, que possuem tempo livre para dedicar-se integralmente ao lazer, muitas vezes, esse tempo é substituído por obrigações domésticas, trabalhos informais ou por uma nova profissão.

A Sra. *Sirius*, por exemplo, que é aposentada e vive com uma renda de um salário mínimo, descreve que faz bonecos e tapetes para vender, sendo uma forma de complementar a sua renda de um salário mínimo. O Sr. *Betelgeuse* relata que mesmo aposentado, continua a dar suas aulas nas universidades particulares como professor de matemática. O Sr. *Spica* conta que continuou a trabalhar mesmo depois de aposentado, como instrutor de trânsito e palestrante.



Diante do exposto, observamos que a renda da aposentadoria não é suficiente para subsistência dos velhos. No Brasil, a velhice, como uma fase improdutiva, vem sendo desconstruída e isso tem sido constatado nos últimos censos demográficos. Na estrutura familiar, principalmente as mais pobres, a renda dos velhos é a fonte principal de provento, ou senão a única (CAMARANO; PASINATO, 2004). Desta forma, o aposentado não se isenta de continuar a sustentar sua família, pelo contrário, sua renda diminui enquanto as despesas aumentam os gastos de medicamentos e tratamentos com saúde, e auxílio financeiro dos filhos e netos (SIMÕES, 2004).

Dessa forma, o rompimento com o trabalho, por meio da aposentadoria, não pode ser generalizado, assim como o lazer não pode ser tratado apenas como uma compensação nesta fase da vida. Há casos em que o(a)s velho(a)s, mesmos aposentado(a)s continuam a desempenhar outras atividades remuneradas, sendo elas informais ou não. Há situações em que, diante da estabilidade financeira que detêm, os aposentados podem viver somente da renda da aposentadoria e usufruir das atividades de lazer em sua plenitude, tornando-as centrais para sua vida. Ao nosso entender, quando a aposentadoria é vivida em sua plenitude, ela se torna uma aliada para a contemplação do lazer.

## **Conclusões**

Na tentativa de evitar generalizações, principalmente porque as categorias trabalho, lazer e aposentadoria são construções sociais e históricas, manipuladas e manipuláveis, que envolvem peculiaridades, procuramos instigar em nossos entrevistados quais concepções são produzidas sobre as categorias lazer, trabalho e aposentadoria na velhice a partir de suas trajetórias de vida.

Diante dessa exposição e levando em consideração os discursos dos entrevistados, percebemos que os conceitos acionados pelos entrevistados sobre lazer e trabalho estão carregados de sentidos positivos ou negativos, a depender das condições nas quais essas pessoas viveram e vivem sua aposentadoria. Neste sentido, os relatos demonstraram que os termos lazer, trabalho e aposentadoria referem-se a certos valores sociais dos quais são incorporados no decorrer de vida dos entrevistados. Nesse sentido, o *habitus* desses aposentados torna-se princípios geradores e organizadores das representações sociais das categorias estudadas, em que reflete na percepção individual e, orientada pela representação coletiva, influencia nas preferências, nos valores, nas

atitudes e nos comportamentos adotados por esses indivíduos, enquanto grupo social.

Constatamos que a concepção da aposentadoria como mudança (real e concreta) na vida do indivíduo velho está estreitamente vinculada aos imaginários sobre a velhice e aos significados do trabalho e lazer. Todos os entrevistados percebem a aposentadoria como um marco em suas vidas, sendo que, contudo, as concepções de trabalho e lazer tornam-se expressões da posição que velhos e velhas ocupam (ou ocuparam) nas classes sociais e do modo como vivenciam suas aposentadorias.

As condições objetivas de vida, advindas da renda adquirida com o trabalho são fatores determinantes para lhes propiciar ou não condições de aposentadoria e de novas formas de vivenciar ou não o lazer. Assim, a renda adquirida com a aposentadoria leva alguns dos entrevistados a dispor de condições de realizar atividades de lazer em sua plenitude, outros, a buscarem novas formas de atividades laborais remuneradas para complementar a renda.

Nesse caso, a aposentadoria formal não significa o afastamento com o mundo do trabalho. Em algumas situações, os entrevistados expuseram que a renda advinda da aposentadoria não cobre suas necessidades, já que o valor correspondente à aposentadoria é inferior ao que se cogita. E diante da necessidade de complementar a renda familiar, os aposentados enveredam pelas atividades informais, buscando, contudo, conciliá-las com as atividades de lazer que procuram vivenciar dentro e fora do PAI.

#### Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas. Introdução, organização e seleção.** São Paulo: Respectiva, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** 13 ed. Rio de Janeiro: BERTRAND BRASIL, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático.** 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. *In:* CAMARANO, Ana Amélia. (Org.). **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros.** Rio de Janeiro: IPEA, 2004. Disponível em: <[http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/Arq\\_29\\_Livro\\_Completo.pdf](http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/Arq_29_Livro_Completo.pdf)>. Acesso em: 22.02.2015.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer.** São Paulo: Perspectiva, 1979.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KALACHE, Alexandre; VERAS, Renato P.; RAMOS, Luiz Roberto. **O envelhecimento da população mundial. Um desafio novo**. In: Rev. Saúde públ., São Paulo, 1987. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/0188.pdf>. Acesso em: 21.09.2015.

MARANHÃO. **Decreto nº 125260/92**. Institui o Programa de Ação Integrada para o Aposentado, e dá outras providências. Maranhão: Assembleia Legislativa, 1992. Disponível em: <[http://www.al.ma.leg.br/ged/decreto/1992/DEC\\_12526.pdf](http://www.al.ma.leg.br/ged/decreto/1992/DEC_12526.pdf)>. Acesso em: 22.02.2015.

MARX, KARL. **O Capital**: crítica da economia política. Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Livro 1, v.1, t.1. (Os economistas). Disponível em: <<http://averdade.org.br/novo/Karl%20Marx%20-%20Capital%20%28Economistas%29.pdf>>. Acesso em: 08.05.2015.

MELO, Vitor Andrade de; ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao lazer**. Barueri, SP: Malone, 2003.

NOVAES, Maria Helena. **As gerações e suas lições de vida**: aprender em tempo de viver. São Paulo: Loyola, 2005.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. **Identidade e aposentadoria**. São Paulo: EPU, 1990.

SIMÕES, Júlio de Assis. Provedores e militantes: imagens de homens aposentados na família e na vida pública. In: PEIXOTO, Clarice; CLAVAIOLLE, Françoise (Orgs.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ZANELLI, José Carlos; SILVA, Narbal; SOARES, Dulce Helena Penna. **Orientação para aposentadoria nas organizações de trabalho**: construção de projetos para o pós-carreira. Porto Alegre: Artmed, 2010.